



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E PROPRIET.ª

Casa do Gaiato do Pôrto
PAÇO DE SOUSA

Director e Editor
PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares
R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

DAS COISAS NOVAS



O nosso bebé no meio do Zé de Oliveira de Azemeis (o dos capoeiros) e o Augusto do Pôrto (chefe de dormitório). O bebé é de Penafiel; é o Tonéco. Sempre que algum Gaiato vai ao Pôrto a recados, traz alguma coisa ao — Tonéco. Ele já conta —

Peditório

Estamos a preparar as coisas para pedir este inverno nos teatros e nos cafés da Invicta. Tê-mo-lo feito nos púlpitos e nos salões e nas Praias e nos Casinos e nos comboios e nos Caminhos, — «prêgai o Evangelho a todas as creaturas». E agora é nos cafés, — ensinai todas as gentes. Se não aparecer impedimento grave, vou. Não levo claque, para que todos sejam da claque. Eu poderia muito bem organizar festas ou consentir que outros as organizassem para mim. Não tenho faltado convites. Já em Coimbra, eu era solicitado por comissões, para fazerem festas de caridade, a favor da Casa do Gaiato. E até de Lisboa, me acenaram com uma festa no São Carlos, com artistas e a Orquestra da Emissora Nacional:—*Aceite padre.* E' tão difícil resistir a estas tentações, tão lindas, tão humanas, tão ao sabor dos tempos! Poderia, sim. Porém tenho um tal respeito pela Viuvez, pela Orfandade, pela Miséria e sobretudo pelos Miseráveis, tanta dôr, que desejo colaborar nos seus grandes males, e por isso mesmo, escolho a missão dolorosa de mendigar para os sem ninguém. Quando souberes que a trombeta vai dar sinal, não fujas; é um amigo.

HA-DE haver uns tantos meses, que eu recebi da Repartição de Estatística de Lisboa um grande questionário para ser preenchido. As perguntas eram de tal sorte que não tiveram resposta, feitas, como eram, nos moldes da classica assistência. A *Obra da Rua*, assenta noutros. Há dias, da Intendencia dos Abastecimentos, aparece segundo questionário, onde se deseja saber quantos creados existem no asilo. Riscou-se a palavra *creado* e a palavra *asilo* e ao mais deu-se resposta, pois que não era matéria de assistência, mas sim de subsistências. Tanto no primeiro como no segundo documento, temos a voz da nação a falar pelos seus organismos, a respeito de questões de assistência, como ela é tida e havida, oficialmente. Se é verdade que a nada se pôde responder, por diferença de estruturas, facilmente se infere qual a distância que separa os dois métodos de assistir: o official e o particular. A opinião de muitos homens é que realmente a assistência ao nosso semelhante, tem de ser organizada e mantida totalmente pelo Estado, o que necessariamente implica muitas formulas, muitos regulamentos, muitos relatórios, muito pessoal, a costumada engrenagem do papel de 25 linhas. A assistência particular, é uma assistenciasinha de apetites e de devaneio e não poderia jamais resolver o problema por falta de imponencia, dizem os mesmos homens. O *Gaiato* não tem catego-

ria para dar opiniões, mas a experiencia ensina que, sempre que o Estado chama a si a administração directa de Empresas, temos desastre à vista. Ainda vivem hoje muitas testemunhas e muitas vítimas dos Transportes Maritimos do Estado, a que chamavam naquele tempo a *Trapalhada Maritima*. Foi uma das grandes calamidades da guerra de então, o termos ficado com 70 barcos, abrigados nos nossos portos. E' muito provavel que este erro se não repita, ainda que outros se venham a cometer, que uma das muitas propriedades que o homem tem, é a de errar. Ora isto vem para dizer, não como opinião mas tão somente como fruto de experiencias, que o Estado bem faz em assistir, vigiar, orientar, prestar auxilio aos que dão provas e garantias de saberem o que querem e para onde caminham. Se isto é verdade de tãda e qualquer empresa, que dizer das obras de assistência, fontes de riqueza espiritual e do verdadeiro bem das nações! De tal sorte se entranhou o conceito da necessidade de Maiores nas casas de educação de Menores, que logo na fundação de Paço-de-Sousa, choviam as cartas a pedir nicho. Eram de tãda a parte, com os documentos do estilo. Até Bachareis! Algumas começavam assim: «Como sei que você precisa de gente para essa obra grandiosa...» Sim. Grandiosa justamente por ter tido a rara habilidade de libertar os educandos das mãos e do zêlo dos educadores. E' por isso que ela é grande. Por isso ela é a palavra nova.

Mas nem por isso se desiste dos pedidos. Como se sabe que nas Casas do Gaiato não há vagas e, por outro lado, cuida-se que eu tenho lampada acêsa em Lisboa, agora que o povo fala de reformas dos hospitais, já me vieram bater à porta: *ande lá; peço!* —Oh homem; as reformas que vierem são para o bem dos doentes. Eu não devo criticar o que os outros fazem, tão pouco gabar-me da descoberta que fiz; mas dá-me muita pena vêr como se deita fora justamente aquilo que há de melhor para o maximo rendimento social destas obras:— o trabalho do rapaz. Um camponez foi à feira comprar couves de plantar e trouxe, por engano, couve flor. A planta cresce, forma-se a flôr e ôle, por ignorância, deita-a fora e come as folhas. Ora é o que se faz por aí além. O camponio fê-lo por ignorância. Nunca vira ninguém comer tal coisa, afeito, como estava, a comer as folhas. Não assim no nosso caso. Vai para 4 anos que o nosso método é conhecido e muita gente tem passado dias e horas nas nossas casas a observar. E' ignorancia afectada, a mais culpada de quantas há. São cegos a conduzir cegos. Não sei se é bem assim com a mocidade de outras classes; esta que nós temos, a que nos chega de terras de ninguém, só pelo trabalho immediato, trabalho caseiro racional e alegre, ela é capaz de se valorisar. Quantos não temos já salvado com este remédio; que de casos não poderíamos aqui relatar! O ultimo é o António da Granja. Já não quiere ir embora. Foi salvo pelas nossas ovelhas,

no trabalho de pastor. E se houvesse na casa um creado para as ovelhas? Tinhamos um vadio a mais em Portugal—obra das nossas mãos! A acção dos nossos pequeninos chefes na vida de relação, é já uma clareira de certeza, por causa da notavel eficiencia que dia a dia se manifesta. Um caso. Há um magusto. Dezenas de garotos mexem e remexem as castanhas; envolvem-se no fumo; cruzam a fogueira. A certa altura, ouve-se o chefe: *alto! Tudo pára.* Ele designa 3 deles, para debulhar; obedecem e todos esperam o seu quinhão, ordenadamente. Isto deu-se na Casa de Miranda. Eu estava. Outro caso: em Paço-de-Sousa, somos 70. Toca para a refeição. Entram delirantes e palreiros; a sala de jantar é o ponto mais alegre que as casas teem. Sentam-se. Se o Chefe não está, é certo que temos grosso alarido. Estão os professores. Estou eu. Está a governante e a enfermeira. Está o regente da quinta — os adultos da casa. Não importa. Continua o falatório. O chefe entra, des-cuidadamente. Tanto basta para que todos guardem silencio! O chefe fez 15 anos no dia 30 de Setembro! Não seria fastidioso, mas falta espaço para relatar outros casos, que provam o nenhum acerto do critério da aglomeração do funcionalismo dentro destas casas. Famílias pobres e numerosas, não têm creados e delas costumam sair os melhores elementos da nação. Os nossos pequenos, por não terem familia, entram nela, uma vez instalados em nossas

Continua na página 3.

NOTÍCIAS DA CASA DE MIRANDA

Os nossos pobres

Temos sempre levado as esmolas aos pobrezinhas os quais têm ficado muito contentes. Quando há dias levamos açúcar uma pobrezinha ficou muito contente que ela até chorou de alegria.

Temos também levado sempre os remédios aos pobrezinhas que estão doentes. Já temos mais uma pobrezinha que se chama Ti' Inocência. Quando a gente foi a casa dela para saber as condições em que ela vivia ela disse que vivia mais Deus.

Combinou-se dizer à Ti' Inocência para cá vir comer aos domingos. Também dissemos ao velhinho das Miãs para cá vir comer duas vezes por semana mas ele não pode andar e por isso ao domingo levamos-lhe o almoço. O doente do Vale Salgueiro disse que estava pior. O pobre da Estação disse que tem um filho doente.

Já saiu um pobre da Conferência chamado José Pires por ter filhos em casa que começaram a ganhar para a broa. Também já saíram dois subscritores da conferência por darem a esmola de má vontade. Temos um subscritor que tem uma vinha maior do que a nossa quinta e mais árvores de fruta e quando a gente lá vai receber nunca dá nada.

Resolveu-se fazer agora a distribuição ao domingo porque ao dia de semana há muito que fazer.

Entrou mais um menino Joaquim Cardoso para a Conferência em vez dum que fugiu, mas já voltou cheio de fome.

Na vigéssima segunda e última reunião, feita no dia de todos os Santos, fizemos as contas e vimos que já tínhamos recebido 1.000\$00 havendo em caixa perto de 300\$00.

No dia de Finados demos 20\$00 a cada pobre. Admitimos mais um pobre, o Seminário que também só vive de esmolas. Senão fôsse o Seminário não tínhamos cá o Sr. Padre Américo e o Sr. Padre Adriano e é por isso que nós ajudamos o Seminário porque a gente precisa de mais um senhor Padre e assim pode ser que o Sr. Bispo o mande.

O Secretário, João Carlos Freitas.

P. S.—A verdade é sempre uma coisa terrível. Ela não teme, não se suja, não se abaixa. Se sai do peito dos inocentes, muito pior. Propositadamente nós não alteramos, não bolimos em nada do que os Gaiatos escrevem. Não, que ninguém diz melhor, nem tão bem.

Senhor Bispo de Coimbra, deixe vir o P.º Francisco. Ele quer. Ele arde. Olhe a voz destas crianças perdidas, a clamor que as salvem! E quem há-de salvá-las, Senhor Bispo, senão for a Igreja!

OS PIÕES

Muito agradecemos aos Ex.ºs Snrs. assinantes de «O Gaiato» pelas boas prendas dos piões que nos mandaram.

No dia 3 de Novembro à noite o Sr. P.º Américo distribuiu os piões. Uns eram de bico de tarracha outros eram de arame, mas ninguém queria dos de arame tudo queria dos de tarracha. Mas não podia ser porque os piões de tarracha não chegavam para todos. Tudo teve piões, mas não lhes saía da cabeça em dizer: Senhor Padre Américo dê-me um de tarracha, mas o Sr. Padre Américo vezes dava, vezes não dava. Enfim, foi um tremendo barulho por causa dos piões. O pior é que não chegaram as barças e muitos troçaram-nas outros perderam-nas.

À noite no mesmo dia houve lá muitos a pedirem, *O' coisa dá-me a tua barça* que eu dou-te pão. Mas eles são mais finos e dizem: *Não filho a broa dura para um pouco e a barça dura para mais tempo.* E assim termino com estas pequenas palavras, e muito obrigados por tudo.

JOSÉ EDUARDO

ESTAVAMOS a proceder à abertura de encomendas postais na nossa rouparia, lugar onde sempre se abrem, porquanto quasi sempre constam de roupas. São momentos de rara curiosidade. Os roupeiros adoram-nos. Um vai logo pelas tesoiras, outro corta os fios, todos marcam presença.

O primeiro pacote era uma corda de saltar.

—Ora bolas; isto não presta. Isto é para meninas. Nós queremos brinquedos de rapazes. Piões. Que nos mandem para cá piões!

Foi esta a sentença do Zé Eduardo.

Evidentemente que este gesto do rapaz, não molesta o valor da oferta, muito menos deslustra a intenção de

Noticias

quem ofereceu; nós agradecemos fervorosamente. Isto serve só para mostrar o delicioso à vontade em que todos aqui vivemos, de onde necessariamente resulta a formação de carácter e respeito da personalidade.

TINHAMOS a nossa marmelada caseira num armário dentro de infinitos cacos, de vários tamanhos, feitios e côres. Com estes dias de sol, chegou a vez de a pôr a secar.

Apareceram duas tijelas profundamente tocadas e umas tantas com ligeiros ferimentos. Conhecia-se, pelas marcas digitais, que os atrevidos foram de entre os mais pequenitos; talvez o Manuel, o Toneca, o Darlindo, aquele que chama batatas a tudo quanto é de comer. E outros que tais que andam à solta, por não serem ainda capazes de obrigação.

Eu acho que eles fizeram aquilo muito baratinho; podiam ter ido muito mais além!

Para salvar as tijelas perdidas, demos as sobras em fatias de pão servido com café, aos deles que esfolharam ontem à noite, sete carros de espigas.

UM dos nossos refeiteiros, o Mário, tem um grande amor ao pião. Não perde nunca a ocasião de o deitar. Mesmo no refeitório, em plena obrigação, uma pequenina aberta que apanhe, gira logo o pião. Quando quer alguma coisa, aproxima-se muito e fala baixinho a expôr. Maça, repete, enfada. Chamam-lhe o Réllhas. Aqui há tempos, mandaram uma duzia de lapiseiras de côr. Não lhe coube nenhuma. Pois maçava ferozmente —um lapizeiro!

Ontem à ceia, veio comunicar-me que o António da Granja dissera um nome feio. Chamei o António. Indaguei.—Que não. O Réllhas é que os diz!

Levanta-se grossa contenda entre acusador e acusado. Formam-se partidos. Há opiniões. O Réllhas ficou mal.

UMA deputação de três, o Alfredo, o Maximiano e o Raúl, todos do campo, veio fazer sua queixa do Mondim, refeiteiro-chefe; a qual queixa era que o Mondim lhes dava pouca boroa, por raiva.

Diversas

Logo combati a palavra e o sentimento, mas, em todo o caso, mandei-os entrar na refeitório, para apurar contas.

—Não senhor, diz o Mondim, nós damos a todos igual. Eles queixam-se porque querem ter mais pão do que os outros.

O Amadeu, segundo refeiteiro, também teve a sua vez:

—Nós não podemos sair das instruções que temos da senhora.

Obra deles, por eles.

O Domingos do Pôrto (o avôsinha) é refeiteiro. De uma vez, regressou à cozinha com pratos da mesa e daí a momentos desata a correr para junto de nós, muito aflito, a gesticular.

Que teria sido? pensei eu igualmente aflito, sem atinar com o mal.

O Durães sai da mesa num ai, dirige-se ao Domingos e apresenta-lhe um grande sopapo no encaento. *Já está,* exclama o pequeno, enquanto vomita uma batata! Tinha-se engasgado por gulodice. Escondera-se para fazer o mal. Mostra-se, para que lhe fizessemos o bem.

Era muito lambareiro, mas agora não. Temos quasi sempre sobre as mesas do refeitório gulodices, e êle nem sequer as cheira.

E' o encarregado do meu chá das cinco;—a nossa *ateneciasinha*. Se apanhassem na *Ateneia* este servente, deliravam! Ele vai procurar-me onde eu estou:—*está na mesa!* Repete sempre

com muita alegria, ao apresentar as torradas;—*fui eu que fiz.* E eu escuto sempre com muito mais alegria.

NO Dia de Todos-os-Santos, os nossos dois pequenos artistas da igreja-brinquedo, o Luciano e o António, foram em missão de estudo, visitar *almi-nhas* das que esperam à beira dos nossos caminhos. Ambos da mesma idade, muito amigos um do outro, o ferreiro e o carpinteiro foram observar riscos, e colher inspiração, para levantar dentro dos muros da nossa aldeia, a pequenina *aldeia* da sua fantasia. Eu já vi o plano e alçado; ao pé da igreja fica a residência paroquial, a casa-do-povo, um lindo cruzeiro e as *almi-nhas*. E' tudo obra das mãos deles, somente nas horas vagas, pois que cada um tem a sua obrigação. Quem viu e conheceu um deles a dormir nos beirais das casas sem família, entregue à rua, e com uma linda folha de serviços nas notas da policia; quem assim viu, quem assim conhece, tem outros olhos e outra inteligência que tu não tens, para medir a altura do pequenino acontecimento que hoje se relata! A altura é a medida mais difícil de tirar.

O nosso Zé Eduardo é o traquinas número um. Perde tudo quanto se lhe confia. Roupa e calçado do seu uso pessoal, logo aparece trocado e as discussões ferverem. Há dias, foi para a venda do jornal com um sapato dêle e outro do Bartolo. O Bartolo não é nada para brincadeiras. Estava à espera dêle, para pedir contas. Se eu não acudo a tempo, pregava-lhe uma valente sóva.

AS coisas que chegam para os festejados de anos, são entregues no refeitório, imediatamente após o terço e orações da noite. E' um vóporio infernal, quando eu entro. Há assobios que fazem rebentar o sangue! Depois, silêncio.

Faço a chamada, entrego. Se se trata dos mais pequeninos e se a coisa é de lamber, mando-o ir ter imediatamente com a menina Ema, à rouparia, para ela guardar. E eles depois vão buscar, às escondidas. Tem de ser assim, enquanto não tivermos meio de separação.

Se os grandes tivessem medo de mim, estavam muito quietinhos, mas como não têm, segue-se que tratam naturalmente de engrampar os prendados como já tem sucedido. Ora assim não está certo.

Quando são rebuçados e porque, em regra, chegam para todos, correm as coisas de outra sorte. O pequenino retira a parte dele, a de leão, e vai de volta, oferecer. Assim tem sido. Assim foi ontem com o João Maria da Murtosa, que recebeu uma pancada deles, para dividir pelo Tiroliro.

Ora o João Maria, com o ser pequenito, arma em esperto e quer ser pimpão. Todos morrem por lhe chegar. Tirou ele 5 rebuçados para si, deu outros tantos ao Tiroliro e foi-lhe dito que desse a volta pelas mesas.

O rapaz deu logo sentença, empertigado: *olhem que é só um!* Começa a distribuição. Até aos pri-

Acta n.º 5

No dia 5 de Novembro de 1944 fomos visitar os nossos pobres. O do Assento morreu no mesmo dia, disse, mas levamos na mesma a esmola à pobre viúva que tem os filhos para sustentar. A esmola que levamos a todos é, 1 quilo de pão, 0,5 quilo de Arroz, 1 quilo de batatas, 1 litro de feijão, 1/4 de Açúcar e mais nada.

O de Bairros está sempre na mesma e não está doente, é o que se quer. O de S. Lourenço está já muito entredado das pernas e não pode andar para nenhuma parte. Já levamos uma camisa e uma blusa de flanela à mulher dêle que nos deram para lhes dar, e ela agradeceu bastante. O homem também pediu haver se lhe arranjava umas calças e um casaco mesmo que fôsse de cotim para não morrer de frio porque só tem aquela que veste. Por isso venho pedir aos senhores leitores de «O Gaiato» se faziam essa esmola de mandarem essa roupinha para os meus queridos pobres que eu tanto amo e adoro.

Com isto termino e não recusem o meu pedido que eu vos faço.

O secretário,
José Eduardo

ASSINATURAS PAGAS

- António Bernardino de Almeida, de Castendo 50\$00 e não 20\$00 como se lisse, Ilda Gomes Mota, de Lisboa 30\$00; Olga Matos Lemos, do Pôrto 20\$00; Bernardo Rodrigues Carvalho, de Parada do Bispo 50\$00; Dr. José Rodrigues de Carvalho, do Pôrto 50\$00; Mário dos Santos Lima, do Pôrto 25\$00; Dr. Juiz Luís Filipe Monteiro Pacheco, de Bitarães 20\$00; Dr. José Carlos Ferreira, de Lisboa 30\$00; Estêvão Coelho, do Pôrto 30\$00; Estêvão Pereira, do Pôrto 50\$00; P.º Gabriel de Sousa, do Pôrto por 2 números 20\$; Alfredo Mesquita, do Pôrto 25\$00; António Dias Coelho, do Pôrto 25\$00; Horácio Faria Pimentel Vieira, do Bombarral 20\$00; José Marques Gabriel, de Barçaís 20\$00; Albino Honorato da Silveira, Sepúlveda do Bombarral 50\$00; Fernando Pedro Rosado, do Bombarral 20\$00; Rufino Pereira de Carvalho, de Peniche 12\$00; Manuel Ferreira Costa, do Bombarral por alguns números 8\$00; Brites Coutinho, de Espinho 50\$00; Américo Guimarães, de Negrelos 20\$; Manuel Rocha, de Lisboa 30\$00; Dr. Manuel de Oliveira, de Anadia 20\$00; Prior de Calvão de Vagos 50\$00; António Pedro Carneiro de Almeida, de Portimão 60\$00; Joaquim Frazão das Neves, de Pernes 20\$00; José Marques Pinto da Costa, do Pôrto 50\$00; Manuel Luís Leite da Costa, de S. João da Madeira 50\$00; António Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães, do Pôrto 20\$00; Eng.º Artur Noronha Campos, de Lisboa 20\$00.

meiros dez rapazes, como eu andasse a protegê-lo, tudo corria bem. Mas daí a nada, vai de trocar as mãos, de furar por debaixo das mesas, de berrar *olha que eu não tive*. Tantas e tais, que num rufo ficou o João Maria estendido no chão, sem o saco dos rebuçados, a gritar acdeirei! Foi muito bem feito. E' para o amansar.

OS deles que têm licença de deixar o cabelo crescido, andam todos lambidos;—*ah! assim, sim. A' homem já somos homens.*

Tempo virá em que eles não-de-seja-rem ser rapazes! A nossa maior indigencia é o não sermos senhores do passado nem do futuro; e a hora presente, a nossa hora, essa mesma é tão incerta.

«O GAIATO»

NOTA DA QUINZENA

UM dos nossos rapazes abriu uma gaveta e, de dentro de um envelope, tirou uma nota de cinquenta escudos. São contadas do seu rosário. Pouco mais se pode esperar, de quem cresce nas ruas, à revelia. De resto, o dinheiro é a tentação suprema, actual, mesmo daqueles que tiveram berço e têm meios. O nosso Gaiato foi terrivelmente castigado; humilhado publicamente, segregado, a comer à porta da cozinha e não come quanto quer. Tirou-se-lhe o pião. Proibiu-se-lhe de jogar com o dos companheiros. Marcou-se-lhe o trabalho pesado. Foi a dose inteira. No dia seguinte o Periquito, achou uma moeda de ouro, do reinado de D. José, e apresentou-a.

Foi chamado com a mesma solenidade do companheiro, para receber o prémio. Foi exaltado. Recebeu chocolates. Jantou na minha mesa, à minha direita, em acto de Comunidade. Foi-lhe prometido, e no primeiro dia de sol, vamos ao Pôrto, tomar chá e bolos na Ateneia.

São horas de grandes emoções. Alguns choram. O Criminoso chorou ao ouvir a sentença. As lágrimas são mistério. São um dos muitos que nos espreitam. A todos. Mesmo aos senhores que se dão ares e dizem que não se curvam diante do incompreensível;—e curvam-se tantas vezes! Quando a escuridão vem da inteligência, ai que negrume!

Ficou o castigo. Ficou o prémio. Se um e outro não germinarem por esta forma de semente é que o terreno é naturalmente mau e em tal caso, que venha o inventor de outros processos de educar, dizer à gente como se faz. Antes estes inventores do que os da dinamite!

CRÓNICA DESPORTIVA

No dia 1 do mês corrente, houve mais um encontro de futebol com a linha de Cête.

Na nossa alinharam: Amadeu, Sérgio, Luciano, Pepe, Lisboa, Elvas e Oscar. Os de Cête mesmo por jogarem no seu campo foram derrotados por 4 goales a 0. Houve ainda outro encontro, no mês anterior, que também foram derrotados, por 17 goales a 4. A nossa bola é que é boa!

Bons assinantes, façam propaganda do nosso jornalzinho, olhem que é uma pedra para a nossa Aldeia. Compreem também o Pão dos Pobres um livro do nosso Pai Américo.

JÚLIO.

«O GAIATO» FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

Escovas de dentes. Aquilo lote formidável que ha tempos nos ofereceram já não dá uma para cada. O *Chegadinho* é o fiscal da higiene da boca e cumpre, mas tem por vezes feito a comunicação de que alguns não lavam os dentes por falta de escova. Manda uma pelo correio da tua mão. Tem mais valor.

De uma anónima da Cova da Iria, recebemos duas peças de carne de porco e três cobertores, sendo 2 de algodão e um de lã. Quem dera mais assim. Nós estamos muito mal de cobertores de lã. De uma vez, da Covilhã, deram-me um fardo com 50 mantas que aquecem hoje e por muito tempo hão-de aquecer as camas dos nossos Gaiatos e de outros irmãos pobres, de várias terras do reino. Eram tantos e tão finos, que eu quis mostrar a outros a minha riqueza. Dei-os todos e venho aqui pedir mais, fiado na promessa que não engana ninguém: quem muito dá, muito recebe.

Dois fatos da Mocidade, do Pôrto. e que Deus o ajude e me perdoe os meus pecados, como termina a cartas. Sim, meu senhor; se a esmola não perdoa os pecados leva a alma ao conhecimento dêles e prepara o arrendimento.

Fatos da Mocidade, são para nós delicioso manjar. Os nossos catraios parecem bem com êles, pois que também são mocidade. Mais, retirado do depósito, um pacote de roupas e 20\$00 dentro, um dito sem mais nada, uma toalha de linho caseiro, talvez de quem não tinha mais que dar, um pacote de guardanapos usados, um dito de ditos em folha, um de revistas, um de brinquedos. Eu queria mais guardanapos, mesmo muito mais. Não temos duas mudas. Vem lá o inverno, quando o sol foge do céu e sem estufas, como poderemos secar a roupa?! Os que vieram já teem a cruz. Eu gosto de ver em tudo a cruz. Se não queres trabalhos, um simples postal ao armazem onde compras, faz chegar às minhas mãos dúzias daquele artigo.

Mais, no depósito, uma linda peça de agasalho para as suas caminhadas de uma assinante de *O Gaiato*. Já posso ir à Sibéria! Mais de Lisboa uma dúzia de *Cascoles*, como o Zé Eduardo escreveu, na nota que o mandei tirar, das encomendas que chegaram naquele dia — *Cascoles*. Acho bem. Talvez entre no uso! Mais do Bombarral, um cascol. Os nossos pequeninos vendedores do *Gaiato*, hão-de mostrá-los no Pôrto; êles que já hoje mostram tanta coisa e tanta gente querê-los! Dantes ninguém queria saber. Mais da mesma terra um par de calças. O Bombarral é uma das terras onde temos um grande número de assinantes. Estou admirado. O *padre* não é grande recomendação para aquele povo rico e laborioso. De Espozende uma camisola para o Tiro-liro.

Passei por S. João da Madeira, onde estive algumas horas em casa de bons amigos. Trouxe algum dinheiro da vila, mil e oitocentos escudos e algumas jóias de Oliveira de Azemeis, para o nosso cálice.

Uma senhora daquela terra enganou-me. Meteu-me na algibeira uma caixita; tome 10 escudos para a *Conferência dos Pobres*. Chego a casa. Vou a vêr. Oh! que linda jóia!

Da mesma terra também trouxe um agasalho soberbo, novo, bonito. Tenho agora dois. Ando regalado com um dêles, a desafiar o frio e despachei o outro. Não é desfeita a quem se lembra de mim, não senhor; é preceito do Evangelho: — não queiras duas túnicas. Mais umas tantas gramas de ouro para o cálice, do Fundão. Se fôsse colhido nas minas, seria mais, mas não tinha tanto valor. Aquilo desprende-se da terra. Este, dos corações; traz algo de quem oferece!

Mais, outra vez do Bombarral, uma oferta muito inteligente, a saber: 4 facas, 4 garfos e 4 colheres e também algumas revistas. Um viva aos habitantes da Bombarral. *O Gaiato* tem soprado por lá a cinza e acendido o lume. Quem dera que se propague o fogo.

Mais 100\$00 de um visitante. Mais recado de que se vai mandar para o depósito um garrafão de 5 litros de azeite. E' tudo quanto possuo, declara o *Zé Ninguém*; pois isso é tudo. Um presente de azeite para a nossa Casa, tem supremo valor.

Mais uma camisa para a viuva, de Oliveira de Azemeis. Mais 50\$00 de S. João da Madeira. Mais 2 dúzias de piões, os quais chegaram mesmo na ocasião precisa. Mais peúgas e cintos e gravatas, para todos os dos nossos que não sabem o dia do seu nascimento e que por isso mesmo nunca fazem anos.

Mais no depósito um envelope com 20\$00 e um dito com metade e mais 63\$00 de uma quete feita em uma casa particular e 50\$00 e roupa para os pobres de cristo que os gaiatos visitam, e mais para o nosso cálice uma libra em ouro e outros objectos e mais uns brincos de ouro, estas duas ofertas de S. João da Madeira. Mais 50\$00 para os pobres da conferência dos Gaiatos, numa casa amiga onde me deram de comer. Mais, nas ruas do Pôrto, 20\$00 e 20\$00. Mais no eléctrico 50\$00. Mais outra vez no depósito 100\$00 de uma amiga da obra para os pobres que os gaiatos visitam — que o nosso bom Deus abençoe todos os prissos que trabalham para esta obra.

Mais dos empregados da Vacuum 50\$00. Mais uma pulseira de ouro de Oliveira de Azemeis. Mais 100\$00 de uma doente de Francelos. *Ouvi o seu apêlo*. Sim. No leito da doença ouve-se muita coisa. Quantos não têm encontrado na Cruz o verdadeiro sentido da vida! Mais castanhas de Sinfães. Mais 100\$00 e mais 10\$00 no Banco. Mais 50\$00 e outro tanto e outro tanto de visitantes. Mais de Casalldêlo roupas e algum dinheiro para os nossos pobres. Que linda terra pequenina! Que linda gente, de alma grande!

ATENÇÃO

A palestra feita aos ouvintes da Rádio Renascença no dia de Fina-dos, foi um verdadeiro acto de presença. Estava tudo em casa, à espera. Só o Porto é capaz de responder assim.

No próximo número, voltamos ao assunto.

JÁ se disse aqui de como e com quantos funciona a nossa escola nocturna. Hoje vamos dar noticias da diurna.

A seguir à refeição da manhã, temos meia hora para dar o derradeiro toque nas obrigações de casa, enquanto os alunos da noite seguem para o campo, de ferramenta em punho.

A sineta, que agora é um chocalho, depois que o Carlos a quebrou, chama e os alunos respondem. São êles: o Zé Eduardo do Pôrto, roupeiro. O *Chegadinho* do Pôrto, rachador de lenha. O Domingos (?) refeitoreiro. O Amadeu de Elvas, refeitoreiro. O Alfredo Rosas do Pôrto, camponês. O José Francisco de Lisboa, pau para tôda a colher. José da Cunha de Mondim, refeitoreiro. António Martins de Fafe, limparruas. O Zé Emilio de Oliveira de Azemeis, o das capoeiras. Rui Terezo de Abrantes, ajudante dos dormitórios. Augusto do Pôrto, chefe de dormitórios. Miguel Oscar, idem. Fernando de Araújo do Pôrto, roupeiro e aio dos mais pequeninos. Ernesto Pinto do Pôrto, ajudante do Tiroliro. Rodrigo de Gaia, fachina dos porcos. Francisco de Abrantes, ajudante do dormitório. João Moreira, chefe do dormitório. Valdemar do Pôrto, limpador de ruas. Avelino do Pôrto, idem. Manuel Monteiro, idem. Alberto, idem. Joaquim, idem, encarregado da cozinha do forno. Lourenço do Pôrto, segundo aio dos pequeninos. Torcato de Vila Meã, o da limpeza dos lavatórios. Manuel do Pôrto, ajudante idem. Mário (?) refeitoreiro. Joaquim Pereira da Serrinha, pastor. Valdemar de Casalldêlo, enfermeiro. Osvaldo de Coimbra, jardineiro. João Maria da Murtosa, topa-a-tudo. Daniel de Parada, idem.

Das coisas novas

Continuação da primeira página

casas. Somos uma familia pobre e numerosa. Não podemos ter creados. Também não admitimos vigilantes. Queremos autonomia.

As ideias novas costumam ser tratadas como os barcos suspeitos de peste; ficam de quarentena.

Assim foi com a *Obra da Rua*, quando ela começou a trabalhar nas ruas.

—*Coitadinho; podia ter-lhe dado para muito pior, dizia-se então.*

Hoje, porém, com o *Gaiato* e pelo *Gaiato*, ela já levantou ferro e começa a içar a bandeira.

O nosso Governo interessa-se. O nosso Povo sente e pensa como *O Gaiato*. A vida das nossas casas é activa, alegre, espumante. E guardo no meu peito um estuante desejo que outras casas se levantem e que, as congéneres existentes, saibam arriar a bandeira antiga, sacudira apoeira e içar a nossa, a das coisas novas. Amen.

Venda do jornal

O Augusto vendeu 54 exemplares e 3 volumes do nosso livro *Pão dos Pobres*. Deu senhas de sopa da Legião. Trouxe uma assinatura paga e 25\$80 de acréscimos. Comeu no Hotel da Batalha.

—O Oscar vendeu 80 números, vendeu 5 livros, deu de comer, comeu na Rua do Rosário e trouxe 70\$00 de acréscimos. O Oscar ia prevenido para entregar a um senhor que lho pagara, 2 volumes do *Pão dos Pobres*. Não o encontrou e vendeu a outrem. Na próxima venda do «Gaiato» espera encontrá-lo. O seu a seu dono.

—O João vendeu 100 jornais e 3 livros, deu de comer, trouxe uma assinatura, comeu no Hotel da Batalha, trouxe 10\$00 de acréscimos e trouxe uma carta do *Zé Ninguém* com assinaturas e um pacote de piões do mesmo.

—O Pôrto vendeu 61 gazetas e 3 livros e entregou 43\$00 de acréscimos e deu de comer e comeu bolos na Ateneia e almoçou na Avenida Rodrigues de Freitas de onde trouxe uma pulseira para o nosso cálice.

—O Luciano despachou 100 Gaiatos e 3 *Pão dos Pobres* e deu de comer e comeu na Picaria e entregou 21\$50 a mais.

—O Lisboa despachou 47 jornais, vendeu uma colecção de livros, deu senhas de sopa, não trouxe sobras e comeu na rua da Picaria.

—O Amadeu encontrou a mulher do *Zé Ninguém*, vendeu 100 Gaiatos e 3 livros e 20\$00 de sobras e comeu na rua Fernandes Tomás e deu de comer.

Contam os nossos que os garotos da rua já os esperam à chegada do combóio!

—O Alfredo vendeu 60 Gaiatos e 3 livros e 1 assinatura paga de 40\$00 e 10\$00 de acréscimos e comeu na Avenida dos Aliados e também deu sopa a um rapaz que dorme nas retretes isto é, naquele mesmo lugar onde dantes, muitos dos nossos dormiam.

—O Gari despachou 89 gazetas e dois livros e deu senhas e comeu na Rua do Rosário: *comi marmelada!* Traz uma assinatura e não traz acréscimos.

—O Júlio teve umas hotas e despachou 150 jornais e 3 volumes do livro *Pão dos Pobres* e duas esmolas de vinte cada e uma dita para a conferência e vinte de uma assinatura e 50 de acréscimos.

Por enquanto, é o Júlio que leva a camisola amarela.

Trazem nomes e morada de senhores que os convidam para almoçar, na venda seguinte. Reproduzem conversas da gente curiosa; nem todos são ortodoxos. Oh! Pôrto, por amor de Deus, não me sujes a água onde estes pequenos se estão lavando. Se esta obra do Gaiato não fôr causa de todos, impossível se torna fazê-la bem feita.

A' noite fui dar volta aos dormitórios. As camas deles recendiam.

Cheirei o rôsto de um; água de colónia.

No dia seguinte quis saber. O Luciano e o Oscar tinham comprado para a menina Ema (a enfermeira) e para a Governante, cada um seu frasco. Elas abriram e perfumaram os dez, daí o mistério. O Júlio, também trouxera um frasco de perfume, de Coimbra, quando ali fôra aviar um recado. Eles gostam de trazer e eu gosto que eles tragam.

Os sacos, vãos de jornais, vinham cheios de cascas de castanhas—*comprei oito tostões delas*, declarou o João. Acho bem. Eles têm ordem de comprar à vontade fruta seca ou verde. De resto, a venda do nosso jornal

O que eu fazia antes de vir para a Casa do Gaiato tratava mal tôda a gente e, andava a roubar milho de uma arca para ir trocar por botões para jogar muitas vezes ia fazer recados e começava a jogar há palmo com o dinheiro. Depois fui para Lisboa lá andava despresado da minha mãe ela andava a trabalhar na quinta de Bemfica e eu quando tinha fome começava a pedir, duma vez um padeiro deu-me metade de um pão e eu não tinha tempo para o comer depressa, um polícia viu-me e levou-me prêso comecei a chorar tiveram pena de mim e mandaram-me embora, já fiquei contente, vi-me embora, quando cheguei ao pé do Colégio de S. José passou um eléctrico fui atrás dêle mal vi um polícia que ia para me agarrar fugi logo, comecei a dizer desta vez escapei. Mas um dia fui atrás dum carro de serviço de higiene de andar pelas ruas a deitar água fui até à Avenida da Liberdade e depois comecei a pedir dinheiro, um polícia agarrou-me e levou-me prêso para outra cadeia, dormi lá uma noite, saí de manhã às 9 horas e eu já ia a sair da porta para fora, chamaram-me e perguntaram-me se eu tinha família eu disse que tinha mãe e estava empregada na quinta de Bemfica levaram-me lá, a minha mãe mandou-me de camionete para Coimbra e lá já não gosava tanto e o meu pai vendendo-me lá de meia calça deitada abaixo e outra meia arregaçada, mandou-me lavar a minha roupa e comprou-me umas botas e levou-me para a Figueira da foz. Ainda me portava pior o meu

Tem a palavra o Carlos Alberto

pai poz-me na escola e eu fugia quasi todos os dias ia para a salmanha tomar banho e não aparecia em casa, só às cinco horas da tarde, e o meu pai pensando que eu estava na escola não me dizia nada e pedia a um rapaz que era meu companheiro da escola e lá me ensinava a fazer uma cópia para o meu pai dizer que eu vinha da escola e era o contrário. Fui posto por 4 vezes da escola para fora a última vez que me puzeram fora da escola ainda andei uma semana fazendo a parte que vinha da escola. O meu pai poz-me empregado no Casino Oceano deu-me uma doença nos olhos e saí de lá, fiquei melhor, o meu pai e a minha madrinha pediu para ir para a Comissão Municipal de Turismo, andava a pedir quando me mandavam a qualquer parte. Fui chamado ao Snr. Presidente da Câmara por me ter portado mal e uma menina que estava empregada pediu ao Senhor Padre Américo que fize-se o favor de me trazer para a Casa do Gaiato. Fui para lá e com saudades da minha terra fugi com mais outro rapaz de Larssã mas eu tornei a voltar pedindo desculpa ao Senhor Padre Américo

para me aceitar e nunca mais fugi. Viva a Casa do Gaiato Viva?

Diz o nosso pequeno, na sua confissão, que *gozava* mais em Lisboa do que em Coimbra. É a inversão dos valores. Há tempos, chegou-nos um garoto da entulheira das ilhas do Pôrto. *Oh! Isto aqui não presta*, e fugiu! Outra desgraça dêles... e nossa.

Este também fugiu duas vezes, levado pela força dequêle gôzo. Hoje não pensa assim. Curamo-lo com papas de leite. Já se prendeu por si mesmo a uma casa sem prisões. Já vê o mal, onde dantes sentia o bem. Começa o equilíbrio. Esperamos que se salve.

Os nossos garotos são deliciosamente espontâneos. A *Obra da Rua*, a páginas 23, diz assim: «O garoto da rua, é um camaleão. A pedir, é choramingas. Com os outros, é refilão. Nas ruas, é malcriado. A's perguntas, é mentiroso. Mas se sente que alguém no mundo o ama, é fiel e quer amar». É o caso dêste e dos mais que têm feito aqui as suas confissões. Sentem-se amados. O amor afugenta o medo e gera a confiança.

Este pequenino fala aqui no pai e na mãe, mas não tem família. A mãe só a é por o ter gerado. A ele, e a outros, de vários homens! O pai, é retratista ambulante. A sociedade, com pena do menino emprega-o nos Casinos e mais tarde no Turismo, a mocito de recados! Os mais refinados gatunos que eu tenho, aprenderam nesses empregos; e chegariam, sem duvida, à perfeição, se não encontrassem abrigo adequado.

Ganhava 150\$00 por mês, diz êle. Entregava-se aquêle salário a uma criança de 12 anos, sem família, das ruas! Isto são premissas das mais tenebrosas conclusões, prologos de muitos crimes—mas nossos do que dêles!

Senhor do céu, Deus de justiça Infinita; todos os sacrifícios tôda a renúncia, tôda a colaboração dolorosa,—tudo é nada, em face da alegria que a alma inteira experimenta, ao salvar um naufrago da vida para a *Vida*.

Noticias das nossas obras

Cuido eu que os leitores de *O Gaiato* hão-de gostar de ter de quando em vez, qualquer comunicação do progresso das obras da *Aldeia dos Rapazes*, daí o lançar hoje mão da caneta e traçar no papel estas mal notadas linhas. Tudo leva muito tempo pela dificuldade de materiais e de transportes dos mesmos, pelo que já estamos devidamente preparados para fazer mais êste inverno ao pé dos moreços. São mais uns meses. Quando vierem as andorinhas, vamos todos para a «aldeia» nós mais elas. De resto, não nos temos poupado a trabalhos para tirar do actual casarão todo o possível conforto. Alindamos as paredes interiores,

feita por êles, não é necessariamente uma questão de receita, senão que um campo de provas e de auto-educação. Pode muito bem acontecer que alguns fujam com o produto da venda. Um já assim fez. Mas vale a pena correr riscos, para melhor extremar.

Propositadamente se mandaram dez na venda do último Gaiato e o número tende a subir. Começamos com três, a apalpar.

Portadores de realidades, mensageiros da verdade, cada um dêles vai dizer ao Pôrto quem é e quanto vale.

Quem sabe? Talvez comecem a cair as escamas dos olhos de muito boa gente e desta sorte, tenhamos a Miséria da Rua a ser libertada da falsa tutela, dos entêrros, da formatura, de tudo quanto atrofia, embrutece e revolta. Quem sabe?!

—Para a vila de Paredes, despachou-se o Augusto e o Amadeu. O primeiro vendeu 15 jornais e não vendeu livros e o segundo vendeu 30 dêles, 3 *Pão dos Pobres* e trouxe 3 assinantes novos, sendo um dêles angariado no combóio. O Amadeu é irmão do Júlio, o da camisola amarela.

Demos um ar de graça na cozinha. Assentamos lareira na casa do forno. Pintamos as capoeiras. Melhoramos os serviços de higiene. Preparamos os estábulos e calcetamos uma extensa área fora das portas da cozinha, resultando hoje em alegre regosijo o que dantes era pavoroso lamaçal.

Fizemos uma formosa *explorada* com assentos rústicos e mesas da mesma sorte, feitas de pedras antigas, que salvamos da demolição. Já se ficava, até, por aqui muito bem, se não fôsse a natural ambição que todo o homem tem de subir, subir, e subir! As casas, da nossa aldeia, ficam rialmente no alto.

A moradia número um, destinada a 18 gaiatos, sendo nove em cada piso, está absolutamente pronta a ser habitada. A moradia número dois, para treze gaiatos em cada piso e a moradia número três, para 20 dêles em cada andar,—estes dois edificios estão por um fio. A Casa-Mãe é que vai um nadinha mais atrasada, mas já esteve muito mais. Temos água e luz instalada; temos os esgôtos a andar; estamos tratando de bosques, de jardins, de pomares. E já retiramos da quinta tôda a cultura de legumes e horta, para a fazermos dora avante nos dez hectares da *aldeia*, a marginalizar casas e ruas e a dar vida aos pequeninos agrários. Antes de nós, estavam estes terrenos às moscas, por falta de irrigação. A água estava lá em cima dos montes, sim, mas era preciso ir por ela e não havia verba.

O Valdemar

O Valdemar de Casaldêlo é o actual enfermeiro. Vai buscar os caldos e o leite e tem tudo arranjado a tempo e horas. Mandei-o subir a uma cadeira para lhe tirar a medida; 4 palmos folgados.



Acsercitus ab angelis

Epitafio das catacumbas.

Foi chamado pelos anjos o Manuel Delfim no dia 28 de Outubro, à noitinha, por entre as orações dos seus pequeninos irmãos. Foi um holocausto propiciatório. Durante doze dias de 24 horas, ardeu a pequenina vítima no altar.

O seu funeral, naquela tarde, foi uma reabilitação dos Sem Nome, uma luz nova na sociedade apodrecida.

Cerca de 300 homens bons da freguesia, protestaram contra a vala comum, num acto piedoso e silencioso. Viem-se nomes como os de Albano de Oliveira Campos, Diogo de Carvalho, Jaime Monteiro de Aguiar, Manuel Teixeira de Carvalho, Albino Sousa e tantos outros que marcam.

A Corporação de Bombeiros de Paço-de-Sousa, presidente à frente, quiz velar o ataúde, fardada. Os sinos do Mosteiro dobraram. A Igreja estava, na pessoa do Pároco. A nossa obra é um sol nascente.

Notas biográficas

O Manuel da Conceição Delfim, nasceu de Albertina da Conceição a 22 de Maio de 1935, no hospital de Santo António, onde o enxurro da viela vai dar. Era o da limpeza dos Claustros. Era nosso desde 2 de Fevereiro deste ano—e é nosso!

EDACÇA

Casa

P A C

MA

Ouvir

mente i

dos voss

taria eu

forma e

coisa gr

nidade,

fundo, e

dade do

algo de

em pala

trazerem

empobre

les que

quem J

ouvir.

Mas

mesmo,

escutar

alguém

notícias

que pas

preguiça

E cor

diga; é p

o «tard

DA

lher o pr

nunciar

e aponta

Casa do

abrigo li

dêses se

a fôrma

Eu pe

festas d

outros a

tariam p

vontade,

social; sã

A ignori

gência. c

o excess

isto tem

caridade

gica de

sim. Nã

E' muit

tempos.

peito pe

pela pol

eu sinto

pobre e

há muit

seus mal

mendigar

que tenh

nos cine

nos pulg

aqui; ar

as incon

gicas. Tu

a-fim-de